

## **Análise do *Prólogo* e da *Primeira Dissertação* da *Genealogia da Moral* em Friedrich Nietzsche**

### **Analysis of the *Prologue* and *First Dissertation* of the *Genealogy of Morals* in Friedrich Nietzsche**

JOHAB SANTOS SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tem como finalidade ser uma leitura fenomenológica-hermenêutica introdutória de *A genealogia da moral de Nietzsche*. Com efeito, faremos uma análise do *Prólogo* e da *Primeira Dissertação* desta obra do filósofo alemão. Já no *Prólogo* sentimos a crítica de Nietzsche ao pensamento moderno, pois as primeiras palavras afirmam esta falta de conhecimento de si mesmo por parte do homem contemporâneo. Em contraposição ao reducionismo dos utilitaristas é mostrado no presente trabalho que, para Nietzsche, o verdadeiro sentido da palavra “bom” está na pessoa do homem nobre, homem este que possui a chamada vontade de potência ou vontade criadora, pois os utilitaristas tinham o sentido do “bom” a partir de algo útil, assim os mesmos caíam num equívoco. Em continuidade, é mostrado que o conceito de “ruim” se refere à moral escrava. Esta moral escrava também é vivenciada por muitos que utilizam da fé para encobrir seus erros e para somente se apegar a certos tipos de costumes. Além disso, outra questão que envolve a moral é o ressentimento, pois ele cria no homem um ódio na qual se recria valores, onde o verdadeiro sentido do nobre é deturpado.

**Palavras-chave:** Genealogia da Moral. Transvaloração. Nietzsche.

**Abstract:** The work aims to analyze the Prologue and First Dissertation on the Genealogy of Morals by the philosopher Friedrich Nietzsche. Already in the prologue we feel Nietzsche's criticism of modern thought, as the first words affirm this lack of self-knowledge on the part of contemporary man. In contrast to the reductionist of the utilitarians, the work shows that, for Nietzsche, the true meaning of the word "good" is in the person of the noble man, a man who has the so-called will to power or creative will, as the utilitarians had the sense of “good” from something useful, so they fell into a misunderstanding. In continuity, it is shown that the concept of “bad” refers to slave morality. This slave moral is also experienced by many who they use faith to cover up their mistakes and to only cling to certain types of customs. Furthermore, another issue that involves morals is resentment, as it creates a hatred in man in which values are recreated, where the true sense of the noble is distorted.

**Keywords:** Genealogy of Morals. Transvaluation. Nietzsche.

## **Introdução**

O presente trabalho pretende ser uma introdução à leitura filosófica da obra *Genealogia da moral*. É importante estudar os grandes temas do pensamento ocidental, sobretudo a partir de uma obra clássica de um filósofo contemporâneo, pois a sua análise se torna guia para a compreensão do homem contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura plena em Filosofia da UERN, Campus Caicó. E-mail: johabsantos@alu.uern.br. Este trabalho foi resultado do trabalho final na disciplina Ética II sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva (UERN).

Sendo assim, muitos filósofos também apresentaram suas questões e seus pontos de vistas éticos. Desse modo, em sua obra Nietzsche faz o mesmo, quando busca a compreensão da origem da moral. É sobre esse sentido originário, genealógico, quer dizer, filosófico, que iremos fenomenológica-hermeneuticamente acompanhar a descrição nietzschiana da moral.

A princípio, o estudo de Nietzsche acerca do problema da *origem* da moral se origina, primeiramente, na busca do bom e do mau. Vale ressaltar que o mesmo procura encontrar estas origens no próprio homem, na análise de sua vida e no que ele vai chamar de espírito histórico. Além disso, esta análise tem a função de causar um grande impacto e uma grande reflexão na vida do homem contemporâneo e nas suas atitudes morais. Nietzsche pretende, como todo filósofo, reavaliar criticamente o que se toma por verdadeiro em relação à moral justo por intuir o equívoco de seus contemporâneos sobre esta questão. É nesta atitude filosófica de colocar a moral em questão na exigência de analisá-la desde a sua origem, quer dizer, de revelá-la em sua verdade, é que se situa a contribuição de Nietzsche para a história da moral, para a história da filosofia.

Nisto, sobre a obra, o trabalho se deteve na análise do prólogo e da primeira dissertação da *Genealogia da Moral*. Nestes dois textos existe o caminho a ser percorrido no qual se chega ao conhecimento da moral no que se refere ao “bom” e ao “ruim”. Nesta perspectiva, no prólogo, estarão bem explícitos os dilemas do homem que estão muito presentes em sua vida, estando muitas vezes relacionados às suas escolhas e suas possíveis alegrias e frustrações por ele vividas. Porém, ainda que de fundamental importância, não é suficiente apenas constatá-los. É preciso analisar de onde vêm estes dilemas, estas angústias e estas alegrias. Desse modo, surge assim a importância do autoconhecimento na vida do ser humano, para que o próprio possa melhorar os seus caminhos numa vida melhor. Além disso, no prólogo é presente uma ironia nietzschiana, Nisso, ele afirma no prólogo que há uma certa ironia. Afirma ele que: “continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, *temos* que nos mal entender (NIETZSCHE, 2009, p.7, grifo do autor). De fato, aqui a escolha remete ao homem moderno que se desconhece pelo motivo em que se assegura seu conhecimento da maneira intelectual, mas continua estranho a si mesmo. “Cada qual é o mais distante de si mesmo- para nós mesmos somos “homens do desconhecimento.” (NIETZSCHE, 2009, p.7).

Em continuidade, analisando a ironia proposta por Nietzsche desde o prólogo, o que estará descrito na primeira dissertação será uma crítica muito forte ao utilitarismo. O conceito de bom para o utilitarismo, na perspectiva de Nietzsche, estaria ligado a uma certa “utilidade”. O autor criticará esta vertente. O desenvolvimento do trabalho também mostrará como isso acarreta a um apequenamento do homem. Ou seja, o homem passa a aderir uma moral escrava

decorrente deste movimento. Com isso, ao longo do seu texto, como descoberta, Nietzsche falará que o bom estaria ligado ao conceito de “nobre” e as correntes que deturpam o homem, que seria a moral escrava, seria denominada como algo “ruim”.

Em seguida, passará a descrever que houve uma deturpação por meio do ressentimento e dos conceitos criados pela moral escrava, os quais resultam de um envenenamento do homem. Deturpação esta, que sobrevieram de muitas culturas, como religiões, filosofias que inverteram o conceito do “bom”. Desta mesma maneira, surge uma certa crítica ao cristianismo, justamente às pessoas que se julgam cristãs, pois Nietzsche defende a tese de que há as pessoas cristãs que modificam o sentido da moral, na qual será desenvolvida ao longo do texto nas análises do homem contemporâneo. Sendo assim, estas a deturpam, vivem seus credos com ódio e ressentimento no coração, e, por fim, ainda querem esperar pela bem-aventurança nos finais de suas vidas.

Com efeito, este artigo olhará e analisará de modo mais aprofundado estas questões apresentadas acima. Com isto, o trabalho está dividido em duas seções. Primeiro, será realizado uma análise do *Prólogo* e, posteriormente, trabalharemos a *Primeira Dissertação*. Discutindo estas questões e analisando os conceitos e ideias apresentadas por Nietzsche. “No primeiro tipo de leitura, nós levamos Nietzsche adiante, fazendo-o pensar conosco enquanto nós pensamos com ele.” (CABRAL, 2010, p.147). Além disso, o objetivo deste artigo é fazer esta conexão do pensamento de Nietzsche com o problema do homem contemporâneo, buscando, assim, uma melhor compreensão do ser humano atual os seus desafios ligados à sua vivência.

### **Sobre o *Prólogo da Genealogia da Moral***

O homem contemporâneo, possui a característica de alguém que muitas vezes não está voltado para conhecer a si mesmo, assim somos nós, isto deve-se ao fato de que nós muitas vezes não prezamos pelo autoconhecimento. A princípio, as responsabilidades do mundo atualmente oferecem e cobram do ser humano uma capacidade de produção, de um esforço para uma possível realização de sua vida, com o objetivo pela busca da satisfação e do preenchimento para que o homem se sinta útil a si mesmo e a sociedade. Entretanto, pelo motivo de um não autoconhecimento todo este esforço, todo este trabalho é uma falsa satisfação que gera um vazio existencial. “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos, de nós mesmos somos desconhecidos — e não sem motivo.” (NIETZSCHE, 2009, p.7), Nisso, falta ao homem contemporâneo aquilo que lhe traga o sentido na sua vida, o autoconhecimento. Nietzsche abre a *Genealogia da moral* fazendo uma ironia ao homem moderno, ao homem contemporâneo. É precisamente sobre este homem, fruto da

modernidade filosófica, das épocas das Luzes, da Revolução industrial, que Nietzsche evidencia uma carência apurada ao conhecimento verdadeiro. O homem moderno envaidecido pelas conquistas do conhecimento, na verdade, é um enigma para si mesma, pensa saber quando na verdade substancialmente de nada sabe. A prova disto, para Nietzsche, é o equívoco em relação à compreensão da origem dos valores da moral.

A princípio, a possibilidade do autoconhecimento, filosoficamente dá ao homem a busca pela felicidade e o encontrar-se na vida, porém quando isto não acontece, o homem não se realiza. Como consequência disso surgem o arrependimento, a angústia daquilo que não é vivido com intensidade e nem é vivido com o coração, e isto não tem mais volta, porque temos somente uma vida. A ausência é o que caracteriza este momento do homem, pois “nas experiências presentes, receio, estamos sempre ‘ausentes’ nelas não temos nosso coração — para elas não temos ouvidos.” (NIETZSCHE, 2009, p.7). Desse modo estamos ‘ausentes’ pelo devido motivo que levamos uma vida como que se dela não vivêssemos, como se dela não aproveitássemos e a levamos sem nenhum sentido, que se satisfaz aparentemente aos outros, mas a plena realização pessoal está muito distante. Esta ausência aparece principalmente como característica de alguém que está fatigado de determinado trabalho, de determinada coisa, e até da vida, agindo como se não gostasse de fazer determinada coisa, realizando-a assim de qualquer jeito.

A partir de suas investigações, caracterizadas por Nietzsche como *humano*, *demasiado humano*, soube a partir dos seus preconceitos morais, fazer um aprofundamento dos seus pensamentos, uma busca pela sua profundidade. Como filósofo e escritor certamente ao longo de sua produção os conceitos irão sofrer modificações, aperfeiçoamento, chegando à maturidade filosófica. Entretanto, o essencial, é que Nietzsche enquanto filósofo enxerga qualquer temática a partir da filosofia, quer dizer, da genealogia, da origem, do fundamento. Isso assegura uma *mesmidade*, uma unidade na variação temática que seu pensamento vai engendrando no decurso dos anos de filósofo. Isso significa que a despeito das mudanças posteriores acerca da questão da moral, aqui, no contexto da *Genealogia da moral*, a descrição do problema e do modo de abordar permanece em seu caráter essencial. Sobre esta peculiaridade de filósofo, Nietzsche confessa:

Já eram, no essencial, os mesmos que retomo nas dissertações seguintes [...] que não me tenham brotado de maneira isolada, fortuita, esporádica, mas a partir de uma raiz comum, de algo que comanda na profundidade, uma *vontade fundamental* de conhecimento que fala com determinação sempre maior, exigindo sempre maior precisão. Pois somente assim convém a um filósofo. (NIETZSCHE, 2009, p.8, grifo do autor).

Assim, isso falta para nós, a necessidade de escuta e do aprofundamento que

Nietzsche teve para tomar as decisões na sua vida, em levar a vida com profundidade e não de forma relativa e esporádica. De certa maneira falta a escuta para nós, acompanhada do perguntar-se e do questionar-se. Esta é a função do filósofo que, segundo Nietzsche, é aquele que busca o aprofundamento das questões e não se deixa levar pelas determinações *do mundo são sem quaisquer sentidos*. Sendo assim, a tarefa do filosofar leva o homem ao conhecimento, ao autoconhecimento, a um crescimento na vida, na busca pelo sentido. Apesar disso, tem a função de despertar o homem para que o mesmo não caia nas frustrações.

No terceiro parágrafo, portanto, Nietzsche coloca uma certa problemática, que de certa maneira ele quer contextualizar. Ele fala então que quase classificou como a priori aquilo que o mesmo tinha como escrúpulo diante do que já se tinha celebrado na terra como moral. “Escrúpulo que surgiu tão cedo em minha vida, tão insolitado, tão incontido, tão em contradição com o ambiente, idade, exemplo, procedência, que eu quase poderia denomina-lo meu a priori.” (NIETZSCHE, 2009, p.8). Diante deste escrúpulo e investigação diante da moral, ele a denomina como uma indagação, um questionamento, uma inquietação que o mesmo tinha quanto à moral. É a tarefa do filósofo que busca descobrir a origem do mal e da moral e porque os homens a criaram. Dessa maneira, Nietzsche mostra como alguém que desenvolveu seu a priori, como algo que se referia principalmente na separação do preconceito teológico do moral, mostrando assim que o ser humano deveria agir moralmente por uma voluntariedade a partir de si mesmo e não por uma causalidade que como ele ainda apresenta no prólogo. Ainda, por isso o mesmo procura fazer este caminho de redescoberta da verdadeira gênese da moral a partir de um espírito histórico, diferente deste. Com isso, este tipo de conhecimento, que, no prólogo, Nietzsche vai de contraponto, é a teologia. De certa forma a teologia no século XIX, na concepção nietzschiana, era totalmente atrelada à moral. Isso fazia perceber que não existia outra forma de identificar os valores morais, sem recorrer a estas correntes vivenciadas pelo ser humano. A partir disto Nietzsche faz o questionamento deste tipo da moral.

Era isso o que exigia meu ‘a priori’ de mim? Aquele novo e imoral, pelo menos Imoralista “a priori”, e o ‘imperativo categórico’ que nele falava, tão antikantiano, tão enigmático, ao qual desde então tenho dado atenção e mais que atenção?... Por fortuna logo aprendi a separar o preconceito teológico do moral, e não mais busquei a origem do mal por trás do mundo. (NIETZSCHE, 2009, p.9).

Nisto, todos estes questionamentos o incomodavam, mas abria sua mente para o encontro com a solução. O questionamento da moral, faz com que o próprio Nietzsche se caracteriza como antikantiano. Kant falava que todos os atos do ser humano, para ser livre, deveriam serem redigidos pela moral. Este questionamento de superação do pensamento kantiano faz com que Nietzsche

busque a partir de seus pensamentos a superação de tudo isto que ele chama de enigma. Assim, teve ele que separar o que estava unido, a saber, o preconceito teológico do preconceito moral, e a não mais procurar a razão do mau naquilo que está *por trás do mundo*, como algo que estivesse distante do mundo, mas a partir do momento que o homem cria com certos juízos de valores o que se caracteriza por “bom e mal”. O que Nietzsche fez – por ofício de filósofo - foi uma certa superação de pensamento..

A tradição filosófica metafísica criticada por Nietzsche constrói e justifica, com sua metafísica das oposições, uma epistemologia fundada sobre o ressentimento. No entanto, ela não se reconhece nele, ao contrário, o conhecimento é entendido por ela como algo que pode ser construído pela razão de maneira separada de um complexo afetivo. Nesse sentido, transponho as características dadas por Nietzsche ao homem do *ressentimento* à *vontade da verdade* moderna e sua teoria do conhecimento puro. (REGATTIERI, 2017, p.58).

Dessa forma, o ressentimento se caracteriza assim como algo que vem da tradição filosófica da metafísica. Assim, de acordo com todo este peso, onde a moral está totalmente atrelada ao que pertence a busca do verdadeiro sentido para a vida humana. Esta não separação e da verdadeira análise daquilo que é afetivo e aquilo que está ligado à moral pode comprometer a felicidade do homem, e gera-lo como homem do ressentimento, que se destrói aos poucos e aniquilando a sua vontade de potência. Em contrapartida, a vontade da verdade deseja se apropriar da moral nobre, onde o lado afetivo por desejo próprio busca a felicidade não porque está associada a moral, mas por uma vontade de si mesmo. se caracteriza. Com isso, é importante questionar a moral, não só pelo simples fato de servir para os homens se adequarem na sociedade, mas pelo fato também que há a necessidade de saber de sua origem. Assim, é necessário perscrutar sua genealogia , descobrir a sua finalidade e se esta está relacionada a um benefício particular que prejudique assim o resto. Descobrir, pois, se é a justificação de um erro particular que, a partir da moral, o quer assim esconder. Verificar com que necessidade o indivíduo a fez, se realmente é algo necessário ou somente regras básicas de vida que compliquem o ser humano e o livre daquilo que é mais essencial. Visto que, na sociedade presente se vê isso, o homem contemporâneo sem a busca do essencial em sua vida, pelo simples motivo de estar arraigado em pequenas regras básicas da vida que não possuem sentido algum.

Com isso, Nietzsche desenvolve a ideia de que a moral é criada pelo homem como juízo de valor e é tratada como se fosse algo “por trás do mundo”, que regesse toda uma ordem, que servisse de determinação. Por isso, o filósofo deve pôr-se a questionar a moral, pois esta é a atitude filosófica do homem verdadeiramente do conhecimento, o homem feliz, que é capaz de realizar esta superação, e este

despertar, tendo um olhar mais voltado para os problemas e questionamentos do mundo contemporâneo relativos à moral. Assim, só ele, após essa acuidade de visão genealógica da moral, poderá diagnosticar até em que ponto a moral aprisiona o homem, ou liberta-o para uma vida que tenha sentido, para um profundo autoconhecimento. De fato, a superação a ser realizada é esta que revigora os horizontes de todo um conhecimento filosófico, este capaz de descobrir pela raiz os problemas do conhecimento no mundo, e por qual motivo ele está atrelado em tradições humanas que deturpam o verdadeiro sentido da moral e dos costumes na vida em sociedade.

### **Análise da Primeira Dissertação da Genealogia da Moral**

Ao contextualizarmos o procedimento metodológico de Nietzsche em seu tratamento genealógico da Moral, quer dizer, investigando sua origem, seu fundamento, sua *arché*, chegou o momento argumentativo, na obra, de desvelar as abordagens equivocadas da tradição. Friedrich Nietzsche, em sua *primeira dissertação*, traz ao diálogo crítico os psicólogos ingleses, os quais deturpam o verdadeiro sentido da verdadeira moral, o nobre. Assim, os psicólogos ingleses são estes homens bem conhecidos como os utilitaristas, que, segundo Nietzsche, estariam, a partir de suas ideias, deturpando um verdadeiro sentido de “bom”, para um bom no sentido que convinha aos mesmos. Além disso, colaboram para que aconteça um certo “apequenamento do homem”. De fato, colocar em evidência a *partie honteuse* como é colocada na citação abaixo, é colocar em evidência os pontos fracos da própria vontade humana, o que assim vai de contraponto àquilo que Nietzsche denomina de Vontade de Potência<sup>2</sup>. Este método é justamente um desenvolvimento do orgulho intelectual humano feito pelos próprios utilitaristas. Em consequência disto surge o apequenamento, pois a partir da vaidade intelectual que diminui o homem em si mesmo, tem-se agora, o homem com um comportamento passivo, que, esquece-se na força do hábito, ou como o filósofo chama: *inércia*.

Voluntariamente, ou não, estão sempre aplicados à mesma tarefa, ou seja, colocar em evidência a *partie honteuse* o lado vergonhoso de nosso mundo interior, e procurar o elemento operante, normativo, decisivo para o desenvolvimento, justamente ali, onde o nosso orgulho intelectual menos *desejaria* encontrá-lo (por exemplo, na *vis inertiae* força da inércia do hábito, da faculdade do esquecimento, numa cega e casual engrenagem, ou trama de ideias, ou em algo puramente passivo, automático, reflexo, molecular e fundamentalmente estúpido)- o que impele

---

<sup>2</sup> É a própria força motriz do ser humano, segundo Nietzsche. É por ela que o homem por si próprio chega a realização daquilo que mais almeja e para alcançar o seu nível mais alto de vida como ser humano, em sua plenitude.

estes psicólogos sempre *nesta direção* (NIETZSCHE, 2009, p.15, grifo do autor).

O apequenamento do homem vai de total contraponto àquilo que Nietzsche chama tanto de vontade de potência ou vontade criadora. Isto veremos mais adiante. Além disso, outro aspecto se refere a conduzir os homens a uma moral escrava<sup>3</sup>, assim como ele aponta o conceito da força da inércia, do hábito, da faculdade do esquecimento, como o automático que resulta em algo muito. De fato, a estupidez acontece devido à maneira como o humano deixa-se levar por este tipo de moral que ferem sua própria vontade criadora. Dessa forma, isto se caracteriza como um próprio auto apequenamento. Com isso, as doutrinas utilitaristas apresentam suas fundamentações a partir de uma certa “utilidade”. Consequentemente esta utilidade encaminha um homem para uma auto-redução, ou seja, um apequenamento, uma domesticação, como o autor é acostumado a falar. Em suma, a utilidade encaminha a moral para lhe escolher somente aquilo que lhe convém como “bom”.

A princípio, o que causará tudo isto está no segundo parágrafo da *Genealogia da Moral*, onde o próprio Nietzsche argumentará sobre algo que “lhes falta *espírito histórico*, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da história!” (NIETZSCHE, 2009, p.16, grifo do autor). A falta de espírito histórico resulta numa incapacidade de poder analisar a verdadeira origem da moral, ou seja, aquilo que é “bom” ou “ruim”. Assim, o erro dos mesmos, segundo Nietzsche é que “Todos eles pensam, como é velho costume entre os filósofos, de maneira *essencialmente a- histórica* (NIETZSCHE, 2009, p.16, grifo do autor). Sendo assim, esta maneira a- histórica impede com que se tenha a visão do surgimento da moral a partir de certas situações históricas na qual o homem verdadeiramente se encontra. Desse modo, “o caráter tosco da sua genealogia da moral, evidencia-se já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo “bom”. (NIETZSCHE, 2009, p.16). E essa investigação do bom, consequentemente deve conduzir o homem a uma verdadeira moral, isto é, a moral nobre <sup>4</sup>.

Ao fazer a sua contextualização histórica, Nietzsche durante sua primeira dissertação vai descrevendo as ações utilitaristas de acordo com a gênese da moral, que com a evolução humana foi sendo analisada por épocas. Desse modo, entende-se que as ações realizadas pelos nobres que eram tidas como “boas”, se estabeleceram como tipos de moral a serem observadas ao longo do tempo. A

---

<sup>3</sup> Ao contrário da moral nobre. A moral escrava é composta destes que não possuem a capacidade de realização humana a partir de si mesmos, mas estão apegados e escravizados a certos tipos de morais que justificam suas ações, porém não são dotadas de força de vontade. Em decorrência disso, se tem o apequenamento do homem, ou seja, ele não é capaz de agir por sua própria força e criatividade.

<sup>4</sup> É um dizer a si mesmo. Aqui em Nietzsche a moral nobre se caracteriza como o alcance de uma moral a partir da própria força humana. Algo adquirido da realização, a partir de si.



problemática, contudo, que é apresentada, é que posteriormente as mesmas foram utilizadas para a utilidade e proveito humano dos grupos utilitaristas, como aqueles que se subordinam à moral escrava.

Originalmente” – assim eles decretam – “as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles os quais eram feitas, aqueles os quais eram *úteis*; mais tarde foi *esquecida* essa origem do louvor, e as ações egoístas pelo fato de serem *costumeiramente* tidas como boas, foram também sentidas como boas – como se em si fossem algo bom. (NIETZSCHE, 2009, p.16).

A partir disso, desvendamos o mistério e o porquê do qual os utilitaristas apequenam o homem e porque a moral escrava sempre foi se espalhando pelo mundo. Primeiramente, precisamos entender que esta doutrina, este pensamento filosófico analisa em primeiro lugar as ações boas a partir das pessoas que eram feitas, se tornando “útil”. O erro, aí acontece por causa de uma redução, pois “esta relação com a ideia de utilidade, no entanto, termina por impedir que o próprio conceito moral de “bom seja colocado em questão, apresentando-se como um equívoco” (SILVA, 2013, p.25), o que podemos chamar também de um egoísmo, da maneira que Nietzsche também o nomeia. E, além disso, a pior consequência, pois elas eram tidas na sociedade pela maneira que forma utilizadas em costume. “Temos aí “a utilidade”, “o esquecimento”, “o hábito”, e, por fim “o erro” (NIETZSCHE, 2009, p.16). Consequentemente, isso deturpa principalmente o conceito de “bom” nobre, este que o homem deveria buscar. Principalmente, ainda, pelo simples motivo de que o *esquecimento* faz com que o próprio homem caia na moral escrava. De fato, *esquecer-se* torna-se como um verbo que em Nietzsche é caracterizado como algo que se perdeu por parte do ser humano, a sua própria criatividade, a sua própria vontade de poder dentro de si. O que consequentemente acarreta uma mudança de valores, fazendo-o recorrer à utilidade e a passividade como resolução do problema da moral em sua vida.

Contudo, o caminho que Nietzsche continua percorrendo ao fazer a genealogia verdadeira da moral está voltada para uma transformação conceitual. Com efeito, o objetivo é, através da genealogia, chegar ao advento da verdade da moral. Sendo assim, “em toda parte, “nobre”, aristocrático”, de “espiritualmente bem nascido”, ‘espiritualmente privilegiado”, (NIETZSCHE, 2009, p.18) caracteriza o homem nobre, o homem bom “que sempre corre paralelo àquele outro que faz “pebleu”, “comum”, “baixo”, transmutar-se finalmente em ruim” (NIETZSCHE, 2009, p.18), já este caracterizando o homem mau. Com isso, o sentido do conceito na análise de sua genealogia contribui assim para um conhecimento do homem nobre, a virtude a ser alcançada do homem bom. Do outro lado, já se observa o “ruim” caracterizado como “a moral escrava”. São estes dois aspectos conceituais que se tornam o objeto de análise nesta *primeira dissertação da Genealogia da*

*moral* feita pelo Nietzsche. Em uma palavra: a pessoa do nobre, que é a virtude a ser alcançada, e a moral escrava, é que a deturpação do que verdadeiramente é bom. A moral escrava enquanto caricatura da verdadeira moral, da moral nobre, escraviza o homem a partir dos seus ideais, e, conseqüentemente, promove seu apequenamento.

Nietzsche, na última fase de sua obra, diz ser a vida vontade de poder (*Wille zur Macht*). Esta, por sua vez, é composta de forças. Como é sabido, sobretudo pelos fragmentos póstumos de Nietzsche, a relação agonística entre as forças engendra uma hierarquia entre as mesmas e uma determinada configuração do vivente. Tais forças não possuem *suportes ontológicos absolutos*. (CABRAL, 2010, p.145, grifo nosso).

De certa forma de acordo com a citação acima, observamos o que o autor Cabral (2010), apresenta como observação da argumentação de Nietzsche sobre os sentidos da moral. Nesta questão, a vontade de poder se caracteriza também como forças. De acordo ainda com o argumento do filósofo, estas forças acabam por criar certas hierarquias. Conseqüentemente, o que aqui se define que as mesmas não possuem suportes ontológicos absolutos. Ou seja, a questão moral não pode estar totalmente ligada à questão ontológica. Pois, no campo da moral observa-se muitas outras questões que dependem do desejo íntimo do ser humano de autossuperação, autorrealização. E esta questão é muito necessária para que o ser humano trabalhe os valores morais dentro de si, a partir de si.

Em contrapartida, e em continuidade ao texto e à leitura da primeira dissertação, encontra-se no sexto parágrafo, o que autor chama de transvaloração do verdadeiro sentido da moral<sup>5</sup>, onde ao contrário do que se encontra na citação, a moral não está caracterizada como vontade de poder por parte do homem. Esta transvaloração, portanto, faz com que aqueles que vivem a partir da moral escrava tenham para si um conceito diferente daquilo que é tido como bom e ruim, puro e impuro. Assim “os conceitos da humanidade antiga foram inicialmente compreendidos, numa medida para nós impensável, de modo grosseiro, tosco, improfundo, estreito, sobretudo e francamente *assimbólico*. (NIETZSCHE, 2009, p.21, grifo do autor). Sendo assim, acontece a transvaloração pela não compreensão de um verdadeiro sentido de bom. Conseqüentemente, o conceito de bom é mudado, pois na sociedade o “puro” é, desde o princípio, apenas um homem que se lava, que se proíbe de certos alimentos que causam

---

<sup>5</sup> A transvaloração da moral é a aceitação dos valores tradicionais como verdadeiro, universal e ainda mais, como algo absoluto. É ela a responsável pelo apequenamento do homem e por acarretar a perda da vontade de potência, segundo Nietzsche. É utilizada principalmente nas doutrinas que esquecem do valor da interioridade humana, acarretando pesos à suas vidas e sua vivência numa vida ética na sociedade.

doenças de pele, que não dorme com as mulheres sujas do povo baixo” (NIETZSCHE, 2009, p.21), e, sendo assim, “o ruim” algo que se opõe a estes costumes e a estas proibições, e a estes estilos de vidas tidos praticamente como “bons”.

Além disso, como, por exemplo, do que foi citado acima, Nietzsche critica um certo tipo de cristianismo, como moral escrava, pelo fato que a humanidade sofre com a consequência estes conceitos. Deste modo, este sofrimento da humanidade está ligado principalmente aos sacerdotes, que são “os mais terríveis inimigos”- por que? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa.” (NIETZSCHE, 2009, p.23), justamente por causa desta transvaloração. Portanto, o que acontece aí é a forma com que a moral escrava se estabeleceu nos cristãos. O que Nietzsche critica muito neste ponto é a forma com que não se vive com sinceridade e com o verdadeiro sentido nobre. A forma de atacar as outras pessoas e colocá-las peso sobre elas e em si mesmo, acontece em vista de algo que não se vive com sinceridade e de maneira boa e autêntica através da fé.

Com isto, ao analisar o texto nietzschiano, é possível interpretar a crítica feita ao Cristianismo, relativizando-a. O cristianismo, pois, é um modo de viver a existência e, portanto, instaura um modo do homem compreender-se a si mesmo e de se relacionar com outros, com o mundo e com Deus. Disto, desta vida fática originária surge a doutrina enquanto tentativa de teorizar a vida e de explicitá-la. A doutrina pode reduzir a vida cristã à moral, mas, na linguagem nietzschiana, ao invés de se constituir como moral nobre, ela promove a moral escrava. Com efeito, a vida fática cristã perde sua nobreza e decai numa caricatura de si mesma, numa doutrina moralizante, escravizante, guiada não mais pela própria vida, mas por algo “por trás do mundo”. O que acontece, neste caso, decorre não da vida fática cristã, mas das pessoas inautênticas que deformam a vida a partir da doutrina. Tais pessoas vivem uma moral escrava como se fosse a nobreza da moral, da vida autenticamente cristã. Assim, acabam por não dar um verdadeiro testemunho a partir de uma moral do ponto de vista nobre, que é a virtude por excelência. Por isso, de tempos em tempos aparecem moralistas e pologetas (moral escrava), mas também profetas, santos e místicos (moral nobre). Sendo assim, a transvaloração da moral, de fato, empobrece as pessoas que estão ainda na moral escrava. Pois, ao invés de viverem uma fé sólida e madura utilizam a fé de maneira errada para ferir as pessoas e colocarem pesos sobre elas. Ao contrário, deveriam buscar sim a fé, de maneira madura que leve a uma transformação das pessoas. Deixemos, agora, a tentativa de interpretar criticamente a leitura da crítica nietzschiana do cristianismo, para retomar a argumentação sobre a moral escrava. Nesta citação, então, observa-se a causa da transvaloração do sentido da moral, que é caracterizada como a Rebelião Escrava

na Moral.

A Rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres os quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária, obtém reparação. Enquanto toda moral nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu”- e este Não é seu ato criador.(NIETZSCHE, 2009, p.26, grifo do autor).

O ressentimento, portanto, é esta força reativa, “é uma vontade de imposição moral, que guiará a genealogia e a formação de valores.” (SPAREMBERGER, 2021, p.202). Dessa forma, o ressentimento provindo da parte do homem do ressentimento<sup>6</sup> recria valores neste caso. O valor real do nobre, assim, é totalmente deturpado. O homem do ressentimento quer agir em absoluto. A partir do sentimento ressentido, este que pratica a moral escrava, de certa forma preocupa-se. Este fato leva a perceber que existe um certo medo de uma desagregação. Esta desagregação, portanto, pode pôr fim a uma organização, esta que de certa forma sustenta os valores dos homens da moral escrava. Nietzsche irá assim criticar estas maneiras organizacionais porque é a partir delas que se estabelece a moral escrava como segurança. O mesmo assim afirma que “através do afeto ressentimento houve um modo peculiar de criação moral: a tábua de valores do povo ocidental moderno seria baseada em uma estimativa ressentida do bem e do mal.” (REGATTIERI, 2017, p.51). De certa forma, a vingança está feita nesta transvaloração do verdadeiro sentido da moral. Com isso, a maneira errada de utilizar a moral acaba sendo justificada assim pelos que dela a utiliza para benefício próprio e para recriar valores pelo ressentimento.

No entanto, a questão central do ressentimento apontada por Nietzsche não é apenas a evidência de uma franqueza, uma vontade de poder fraca, mas a particularidade de como o ressentimento atua para fazer resistir esse concerto preocupado com sua desagregação. Como o afeto atua para que a organização fraca exerça o poder que ela é sem se desagregar e continue como organização (REGATTIERI, 2017, p.50).

Em suma, o problema aí é a questão de que a moral escrava quer agir em absoluto como uma reação. Já o nobre pelo “contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo” (NIETZSCHE, 2009, p.26). Desse modo, esta diferença, esta comparação, responde plenamente a uma necessidade de uma vontade de potência, na busca

---

<sup>6</sup> É este homem do ressentimento que recria valores diante de sua incapacidade criativa de desenvolver sua vontade de potência. O ressentimento, portanto, é esta arma e esta via que colocará o homem numa verdadeira capacidade de reação e não de reação, a partir de si mesmo.

assim de fato do que é o verdadeiro bom. Pois ela também é boa em si mesmo, a qual busca a partir de si mesmo. Ela é como uma força motriz para todos os seres humanos, esta busca pela posição mais alta, para uma virtude mais sublime, ou seja, “a vontade de poder não é um ser ou uma meta, mas força atuante da qual uma atividade segue.” (REGATTIERI, 2017, p.48). Sendo assim, um modo de vida bem melhor. Ao contrário, a reação, o ressentimento sem a vontade de potência criam valores que são fatais e prejudiciais à boa vivência do ser humano. Consequentemente, o nobre sabe bem guiar a sua vida de uma maneira bastante correta e de acordo com a verdadeira moral.

O nobre não se prende à imaginação e especulação, mas volta-se para a ação; não necessitando fugir da vida, não se pautará em mentiras ou buscará falsear a realidade – isto ocorrerá somente em raras exceções, e em relação aquilo que lhe é estrangeiro ou que não lhe interessa conhecer, mas suas suposições nunca estarão perpassadas pelo ódio e pela intensidade daquelas que brotam do ressentimento. (SILVA, 2013, p.34).

Sendo assim, a moral do nobre não está voltada a um certo tipo de imaginação que venha a acreditar em algo que não é totalmente concreto. Não foge da vida, procurando se justificar em coisas fúteis, como fazem aqueles que possuem a moral escrava. Por isso, que o ódio não está presente nele. Este é um verdadeiro conceito de algo “bom”, segundo o autor. A intensidade está em buscar sempre o bem da maneira correto sem o uso do ressentimento que lhe fazem cair em certos tipos de “escravidão da moral”

Contudo, a criação de valores da moral escrava na sociedade, muitas vezes acaba por vencer a partir de determinados tipos de ideias que são colocadas nas suas formas de vida e suas formas de pensar. Pois, “A moral escrava vence, os criadores de ideais consolidam sua transmutação de valores nobres e iniciam seu engenho de falseamento dos sentimentos e impulsos, sua produção de mentiras em série” (SILVA, 2013, p.37), pelo simples fato de que suas ideias já estão sendo admitidas sobre a terra. De fato, isto vem de uma ilusão que acredita que “todo atuar é determinado por um atuante, um sujeito” (NIETZSCHE, 2009, p.33), porém esta frase pode estar de certo ponto equivocada pelo simples fato de que “não existe um tal substrato; não existe “ser” por trás do fazer do atuar, do devir; “o agente” é uma ficção apresentada à ação – a ação é tudo”, (NIETZSCHE, 2009, p.33). Desse modo, é o filósofo mostrando que não há o agente por trás do fazer. É o próprio fazer, a ação que em si mesma faz o agente. Não é o agente que faz algo, mas ele é feito e perfeito pelo seu fazer.

Por fim, podemos concluir que aqueles que vivem de uma moral escrava, sentem que esperam no fim da vida por uma busca de uma bem-aventurança. Antes, deveriam analisar que sua felicidade traz uma verdadeira “infelicidade”.

Sem contar que antes os mesmos falam que “odeiam a *injustiça*” (NIETZSCHE, 2009, p.36, grifo do autor). Contudo, depois de sustentarem e viverem de forma escrava, criando ideais a partir do ressentimento e totalmente diferente dos nobres, possuem ainda como consolo uma bem-aventurança. “E como chamam aquilo que lhes serve de consolo por todo o sofrimento da vida? Sua fantasmagoria da bem-aventurança futura antecipada? (Cf. NIETZSCHE, 2009, p.36), pois nesta citação toma Nietzsche uma conclusão. E esta, afirma sinceramente que os que vivem na moral escrava, procuram justificativas para a sua vivência e para o modo como tratam o sentido “bom” da moral.

### **Considerações Finais**

Ao analisarmos a *Genealogia da Moral* mostramos como, para Nietzsche, sua época precisava de um tratamento da moral desde uma perspectiva genealógica. Com efeito, desde o prólogo autor fez a ligação com os problemas do homem contemporâneo, quer dizer, chamou a atenção do homem de seu tempo para que pudesse reavaliar a compreensão da moral. Assim, um de seus objetivos foi de mostrar a importância do autoconhecimento no mundo de hoje, bem como sua importância para evitar assim futuras frustrações e desânimos. Além disso, é importante reconhecer a tarefa da moral e seus limites comparando-a com a vida do ser humano, e se perguntar até quando ela contribui e até que ponto ela parece estar sendo injusta. Desse modo, o mesmo conclui ainda que a tarefa não foi desvendá-lo a partir de um transcendente, mas a partir das raízes históricas e culturais do homem, principalmente do homem contemporâneo.

Além disso, temos que lembrar bem que a filosofia contemporânea, a partir de seus filósofos, possui o dever de compreensão do mundo de hoje, das atitudes dos homens, dos seus dilemas, das suas leis, e, principalmente, deve pensar sobre como o ser humano se encaixa nestas definições. Isto está presente no prólogo da *Genealogia da moral*. Por isto, há necessidade de estudos como estes, para um desenrolar da vida ética humana em seu contexto histórico, como o da própria história da filosofia.

Na *primeira dissertação*, ele crítica os homens que criam os artifícios que fazem surgir a moral escrava. As doutrinas assim, dependendo da forma com que são conduzidas podem levar o homem a uma busca do “nobre”. O que acontece muitas vezes é que o ser humano muda o sentido da busca do “bem”, sem o mínimo de vontade de querer viver de maneira “nobre” e “digna”. Conseqüentemente, acaba por viver uma vida dilacerada por ressentimento conduzindo assim outras pessoas a fazerem o mesmo. Desse modo, perdem uma certa qualidade de vida, pois as mesmas não se conhecem e não querem mudar para melhor.

A questão da moral, como observada nesta problemática, reconduz, portanto,

à perspectiva genealógica da história, como foi feita pelo próprio filósofo. Sendo assim, desde a antiguidade o mesmo trabalha diante de sua obra a Genealogia da Moral, as raízes da moral pela parte histórica e ainda, etimológica, desvendando assim, os sentidos dos termos “bom” e “ruim”. A importância deste estudo de Nietzsche, desse modo, encontra-se na riqueza e na contribuição para a história da filosofia como para a história da moral. Pois, ao analisar como história da moral, seu pensamento, então cria problemáticas diante das provocações e problemáticas feitas pelos filósofos anteriores e posteriores. Com isso, há uma grande contribuição no pensamento filosófico para a história da filosofia.

### Referências

CABRAL, A. M. “Gilvan Fogel comentador de Nietzsche”. *TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.142-147. Dezembro, 2010.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REGATTIERI, L. “O ressentimento como obstáculo moral à experimentação do limite de si em Nietzsche”. *TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência*, Rio de Janeiro, v.10 n. 2, p. 47-68, 2017.

SILVA, M. A. S. N. da. “A Revolta Escrava na Moral”. In.: SILVA, M. A. S. N. da . *Sobre a genealogia da moral em Nietzsche*. Florianópolis, Santa Catarina, 2013. p. 25-40.

SPAREMBERGER, C. O ressentimento na filosofia de Nietzsche. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, v. 1, n. 38, p. 199-211, Julho, 2021.